

Tradução da 5ª Edição

THOMAS SOWELL

ECONOMIA BÁSICA

Um guia de economia
voltado ao senso comum

Volume I



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2018

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	ix
Capítulo 1: O Que É Economia?	1
PARTE I: PREÇOS E MERCADOS	7
Capítulo 2: O Papel dos Preços	9
Capítulo 3: Controles de Preços	35
Capítulo 4: Uma Visão Geral sobre Preços	61
PARTE II: INDÚSTRIA E COMÉRCIO	81
Capítulo 5: A Ascensão e o Declínio das Empresas	83
Capítulo 6: O Papel dos Lucros — e das Perdas	103
Capítulo 7: A Economia das Grandes Empresas	133
Capítulo 8: Regulamentação e Leis Antitruste	147
Capítulo 9: Economia de Mercado e outras Economias	169
PARTE III: TRABALHO E REMUNERAÇÃO	181
Capítulo 10: Produtividade e Remuneração	183
Capítulo 11: Leis sobre Salário-Mínimo	209
Capítulo 12: Problemas Específicos dos Mercados de Trabalho	223
PARTE IV: TEMPO E RISCO	255
Capítulo 13: Investimento	257
Capítulo 14: Ações, Títulos e Seguros	289
Capítulo 15: Problemas Específicos de Tempo e Risco	315
<i>Perguntas</i>	331
<i>Índice</i>	341

O QUE É ECONOMIA?

Para qualquer um, seja conservador ou radical, defensor do livre comércio ou da proteção dos mercados, cosmopolita ou nacionalista, religioso ou pagão, é útil saber as causas e consequências dos fenômenos econômicos.

George J. Stigler

Os eventos econômicos ocupam, com frequência, as manchetes dos jornais ou as chamadas nos noticiários das emissoras de televisão. Entretanto, nem sempre as notícias deixam claro as causas de tais eventos, e muito menos os possíveis desdobramentos futuros.

Os princípios subjacentes envolvidos na maioria dos acontecimentos na esfera econômica não são, em geral, intrinsecamente complicados, mas a retórica política e o jargão econômico que costumam ser empregados nas discussões podem torná-los de difícil compreensão. E nisso há, ainda, um agravante: os princípios econômicos básicos capazes de esclarecer o que está ocorrendo podem permanecer desconhecidos para a maioria das pessoas e insuficientemente entendidos por muitos dos integrantes da mídia.

Tais princípios básicos da economia são válidos em todo o mundo e têm sido registrados ao longo de milhares de anos na história. Eles se aplicam a diferentes tipos de economias — capitalista, socialista, feudal, seja lá qual for — e entre uma ampla variedade de povos, culturas e governos. Políticas que ocasionaram aumento dos níveis de preços sob Alexandre, o Grande, fizeram o mesmo na América, milhares de anos mais tarde. A legislação sobre aluguéis levou a um conjunto muito semelhante de consequências no Cairo, Hong Kong, Estocolmo, Melbourne e Nova York. E, na Índia e nos países da União Europeia, as políticas agrícolas têm muitos pontos em comum.

No processo de compreensão da Economia, é preciso definir com exatidão o que Economia significa. Para saber o que é Economia, no sentido de ramo de estudo, devemos primeiro saber o que é uma economia no sentido cotidiano que vemos nos

jornais e em nossa experiência pessoal¹. A maioria de nós talvez pense em “economia” como um sistema de produção e distribuição dos bens e serviços que usamos na vida cotidiana. Isso é, em certa medida, verdadeiro, mas se revela insuficiente para dar conta do conceito por inteiro.

O Jardim do Éden era um sistema de produção e distribuição de bens e serviços, mas não era uma economia, porque tudo estava disponível em abundância ilimitada. Sem escassez, não há necessidade de economizar — e, portanto, não há Economia. Lionel Robbins, um importante economista britânico, nos apresenta uma definição clássica de Economia:

*A Economia é o estudo do uso de recursos
escassos que têm usos alternativos.*

ESCASSEZ

O que “escasso” significa? Significa que a somatória daquilo que todo mundo quer supera o que realmente está disponível. Isso pode parecer uma coisa simples, mas suas implicações são muitas vezes grosseiramente mal-entendidas, até mesmo por pessoas de educação esmerada. Tome-se como exemplo um artigo do *New York Times* que discorria sobre os problemas econômicos e preocupações da classe média americana — um dos mais abastados grupos de seres humanos que jamais habitaram este planeta. Embora essa história incluísse uma foto de uma família americana de classe média usufruindo de sua própria piscina, a manchete principal dizia: “The American Middle, Just Getting By” (algo como “O Americano Médio, Apenas Sobrevivendo.”) Outros títulos no artigo incluíam:

Desejos Adiados e Planos Não Cumpridos
Metas Que Permanecem Fora de Alcance
Obstinação em Poupar e Alguns Luxos

Em resumo, os desejos dos americanos de classe média excedem o que eles podem confortavelmente pagar, embora o que já possuem seria considerado como inacreditá-

¹ No texto, se ou quando couber, utilizam-se os termos “Economia”, com “E” maiúsculo, e “economia”, com “e” minúsculo, para a devida diferenciação de conceitos.

vel prosperidade por pessoas em muitos outros países ao redor do mundo — ou mesmo por gerações anteriores de americanos. Porém, eles (e o repórter) consideram-se como “apenas sobrevivendo” e, no texto, um sociólogo de Harvard foi citado, comentando “o quão restringido está o orçamento dessas pessoas”. Mas não é algo feito pelo homem, como um orçamento, o que de fato os restringe: a realidade os restringe. Não há o bastante para satisfazer a todos completamente. Essa é a verdadeira restrição. Isso é o que significa escassez.

O *New York Times* relatou que uma dessas famílias de classe média “mergulhou de cabeça nos gastos com cartão de crédito”, mas depois “colocou suas finanças em ordem”.

“Mas se fizermos um movimento errado”, disse Geraldine Frazier, “a pressão das contas vai voltar, e isso é doloroso.”

Para todas essas pessoas — do meio acadêmico e do jornalismo, bem como da própria classe média — aparentemente parecia de certa forma estranho que pudesse haver uma coisa como escassez e que isso implicaria na necessidade de esforços produtivos e responsabilidade pessoal de sua parte na hora de gastar a renda obtida. No entanto, nada tem permeado mais a história da raça humana do que a escassez e todos os requisitos para economizar que vêm a reboque.

Independentemente de políticas, práticas ou instituições — se sábias ou não, nobres ou ignóbeis — simplesmente não há o suficiente para sair por aí e satisfazer todos nossos desejos ao máximo. “Necessidades não satisfeitas” são inerentes às circunstâncias caso vivamos em uma economia capitalista, socialista, feudal ou de outro tipo. As várias modalidades de economias são apenas maneiras institucionais diferentes de fazer os “trade-offs” (situações nas quais precisamos escolher um uso para algo ao mesmo tempo em que abrimos mão de usos alternativos), algo inevitável em qualquer economia.

PRODUTIVIDADE

A Economia não se trata apenas de lidar com o conjunto de bens e serviços existentes no mundo como consumidores, mas, também, e mais fundamentalmente, sobre *produzir* estes bens e serviços a partir de recursos escassos em primeiro lugar — transformando insumos em produção.

Em outras palavras, a Economia estuda as consequências das decisões que são feitas sobre o uso da terra, trabalho, capital e outros recursos destinados ao volume de produção determinante do padrão de vida de um país. Tais decisões e suas consequên-

cias podem ser mais importantes do que os próprios recursos, pois há países pobres onde abundam recursos naturais, e países como Japão e Suíça, carentes de recursos naturais, cujas populações têm elevado nível de vida. Os valores dos recursos naturais *per capita* no Uruguai e Venezuela são muito superiores aos do Japão e Suíça, mas a renda real *per capita* destas nações é bem maior: duas vezes a do Uruguai e várias vezes a da Venezuela.

Não só a escassez, mas também “usos alternativos” estão no coração da Economia. Se cada recurso tivesse somente uma utilização, a Economia seria muito mais simples. Mas a água pode ser usada para produzir gelo ou vapor, por si só ou mediante inúmeras misturas e compostos em combinação com outras coisas. Da mesma forma, a partir do petróleo obtêm-se não só gasolina e óleo para aquecimento, mas também plásticos, asfalto e vaselina. O minério de ferro pode ser utilizado para produzir derivados de aço que vão de cliques de papel a automóveis e esquadrias para arranha-céus.

Quanto de cada recurso deve ser atribuído a cada um de seus muitos usos? Cada economia tem de responder a essa pergunta, e cada uma o faz, de uma maneira ou outra, de forma eficiente ou ineficiente. Fazê-lo de modo eficiente é função da Economia. Diferentes tipos de economias são, em essência, diferentes formas de tomada de decisão sobre a alocação de recursos escassos — e essas decisões repercutem na vida de toda a sociedade.

Na época da União Soviética, por exemplo, suas indústrias utilizavam mais eletricidade do que as americanas, embora estas produzissem uma quantidade maior de bens. Tais ineficiências em transformar insumos em produtos traduziram-se em um padrão de vida mais baixo em um país ricamente dotado de recursos naturais — talvez mais ricamente dotado do que qualquer outro país do mundo. A Rússia é, por exemplo, um dos poucos países industrializados que produz mais petróleo do que consome. Mas uma abundância de recursos não cria, automaticamente, uma abundância de bens.

Eficiência na produção — a taxa pela qual os insumos são transformados em produtos e serviços — não se constitui apenas em uma questão técnica que compete aos economistas tratar. Ela afeta o padrão de vida da sociedade como um todo. Visualizar esse processo ajuda a pensar sobre coisas reais — minério de ferro, petróleo, madeira e outros insumos que integram o processo de fabricação, e os móveis, alimentos e automóveis que saem na outra ponta — em vez de pensar em decisões econômicas como sendo simplesmente decisões sobre dinheiro. Ainda que a palavra “Economia” sugira dinheiro para algumas pessoas, para a sociedade como um todo, dinheiro é apenas um dispositivo artificial para fazer coisas reais. Caso contrário, o governo poderia deixar-nos todos ricos simplesmente imprimindo mais dinheiro. Não é o dinheiro, mas o volume de bens e serviços que determina se um país é atingido pela pobreza ou alcança a prosperidade.

O PAPEL DA ECONOMIA

Entre os conceitos equivocados sobre o que é a Economia está aquele de que se trata de algo que lhe diz como ganhar dinheiro, ou tocar um negócio, ou prever os altos e baixos da Bolsa. Mas finanças pessoais ou administração de negócios não são sinônimos de Economia, e prever o sobe e desce do mercado de ações ainda está para ser reduzido a uma fórmula confiável.

Quando os economistas analisam preços, salários, lucros ou a balança comercial internacional, por exemplo, o fazem do ponto de vista de como as decisões em vários setores da economia afetam a alocação de recursos escassos, de modo a aumentar ou diminuir o padrão de vida material das pessoas vistas em conjunto.

A Economia não é simplesmente um tópico sobre o qual expressar opiniões ou dar vazão às emoções. Trata-se de um estudo sistemático de causa e efeito, mostrando o que acontece quando se fazem coisas específicas de formas específicas. Na análise econômica, os métodos utilizados por um economista marxista como Oskar Lange não diferem em nada fundamentalmente dos métodos usados por um economista conservador como Milton Friedman. É desses princípios econômicos básicos que este livro se ocupa.

Uma das maneiras de compreender as consequências das decisões econômicas é olhar para elas observando os *incentivos* que criam, em vez de simplesmente os *objetivos* que perseguem. Isso significa que as consequências são mais importantes que as intenções — e não apenas as consequências imediatas, mas também as repercussões em longo prazo.

Boas intenções não bastam; na verdade, sem a compreensão de como a economia funciona, ser apenas bem-intencionado pode levar a resultados contraproduzidos, se não desastrosos, para o país como um todo. Vários, se não a maioria dos desastres econômicos, decorreram de políticas pretensamente benéficas — e tais desastres poderiam ter sido evitados caso aqueles que as delinearam e implementaram entendessem de Economia.

A despeito de existirem controvérsias na Economia, isso não significa que seus princípios econômicos, tal como os da Química ou da Física, sejam apenas uma questão de opinião. As análises da Física efetuadas por Einstein, por exemplo, não refletiam somente a opinião dele, como o mundo descobriu após Hiroshima e Nagasaki. As reações econômicas podem não ser espetaculares ou trágicas de imediato, porém, a depressão generalizada dos anos 1930 deixou milhões de pessoas na pobreza, mesmo em países ricos, levando nações outrora produtoras de alimentos além de suas necessi-

dades a um estado de subnutrição, causando, provavelmente, mais mortes ao redor do mundo do que o número de vítimas daquelas duas cidades japonesas.

Em contrapartida, quando Índia e China — dois dos países mais pobres da face da terra na história recente — começaram a realizar mudanças em suas políticas econômicas, suas economias passaram a crescer dramaticamente. Na Índia, estima-se que 20 milhões de pessoas saíram da condição de indigência em uma década. Na China, a quantidade de pessoas vivendo com um dólar ou menos por dia declinou de 374 milhões — cerca de 1/3 da população em 1990 — para 128 milhões em 2004, agora apenas 10% de uma população em crescimento. Em outras palavras, graças às mudanças na política econômica, 250 milhões de chineses estão hoje em melhor condição de vida.

Coisas como essas revelam quão importante é o estudo da Economia — e não apenas uma questão de opiniões ou emoções. A Economia é uma ferramenta de causa e efeito, um repositório de conhecimentos comprovados — e princípios derivados desse conhecimento.

Para uma decisão econômica, nem mesmo é imprescindível haver dinheiro envolvido. Quando uma equipe médica militar é deslocada para uma frente de batalha na qual há soldados com todo tipo de ferimentos, ela se defronta com o clássico problema da alocação de recursos escassos com usos alternativos. Quase nunca se dispõe de médicos, enfermeiros ou paramédicos em número suficiente, e tampouco de remédios e suprimentos médicos. Entre os feridos, alguns estão à beira da morte e têm chances mínimas de serem salvos, e outros têm ferimentos leves e provavelmente se recuperam caso sejam imediatamente atendidos.

Caso a equipe médica não consiga alocar tempo e recursos de maneira eficiente, alguns dos feridos morrerão desnecessariamente enquanto são atendidos outros que não precisam ser cuidados tão urgentemente ou que, em razão de seu estado desesperador, não resistirão seja qual for o tratamento. Isso se constitui em um problema econômico, embora não haja nenhuma troca monetária.

A maioria de nós odeia sequer pensar em ter de fazer escolhas como essas. De fato, como temos observado, alguns americanos de classe média estão aflitos por ter de fazer escolhas e “trade-offs” mais brandos. Contudo, a vida não nos pergunta o que queremos. Ela nos apresenta opções. A Economia é uma das maneiras de tentar realizar a maioria dessas opções.

PARTE I: PREÇOS E MERCADOS

O PAPEL DOS PREÇOS

O prodígio dos mercados é que eles reconciliam as escolhas de uma miríade de indivíduos.

William Easterly

Tendo em conta que a tarefa-chave a ser enfrentada por qualquer economia é a alocação de recursos escassos com usos alternativos, a questão que se põe é a seguinte: como uma economia faz isso?

Obviamente, economias diferentes têm respostas diferentes. Nas economias feudais, o proprietário da terra (o “senhor feudal”) simplesmente comunica às pessoas que trabalham em sua propriedade onde e o que fazer com os recursos disponíveis: semear menos cevada e mais trigo, colocar fertilizante aqui, mais feno ali, drenar os campos. Algo semelhante se deu com as sociedades comunistas no século XX, tal como a União Soviética¹, que organizou uma economia muito mais complexa quase que com esses mesmos métodos, com o governo ordenando a construção de uma usina hidroelétrica no Rio Volga, a produção de várias toneladas de aço na Sibéria ou uma determinada quantidade de trigo a ser colhida na Ucrânia. Em contraste, em uma economia de mercado coordenada pelos preços, não há ninguém no mais alto escalão que emita ordens para controlar ou estruturar as atividades ao longo da cadeia econômica.

O fato de como uma economia de alta tecnologia, incrivelmente complexa, pode operar sem uma direção central deixa muita gente perplexa. Consta que o derradeiro presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev, teria perguntado a Margaret Thatcher, Primeira-Ministra da Grã-Bretanha: como você calcula o que as pessoas

¹ NRT: O autor cita a União Soviética e economias semelhantes do século XX como sendo comunistas. Isso é impreciso. Na verdade, o comunismo, segundo Karl Marx, economista e grande teórico acerca do comunismo, é um sistema econômico no qual todos os trabalhadores são donos das habilidades, ferramentas e matérias-primas necessárias à produção e, conseqüentemente, não haveriam mais classes sociais explorando o trabalho de outras. Mas esse estágio só seria alcançado depois de se passar por uma fase transitória chamada Socialismo, no qual um Estado comandado pelos trabalhadores centralizaria a propriedade de todos os recursos para posteriormente distribuir. Sendo assim, a União Soviética jamais foi comunista, parando no estágio do Socialismo.

vão comer? A resposta que ouviu foi que ela não fazia isso. Quem fazia eram os preços. Seja como for, a população britânica estava melhor alimentada que a soviética, embora há mais de um século não produzisse alimento suficiente para si mesma. Os preços traziam os alimentos de outros países.

Sem a atuação dos preços, imagine a monumental burocracia envolvida para assegurar que a cidade de Londres, por exemplo, fosse suprida com as toneladas de alimentos consumidas diariamente. Um exército de burocratas pode ser desobrigado de suas funções — e transferido para trabalhos produtivos em outras áreas — devido ao simples mecanismo de preços, que executa a mesma tarefa melhor, com mais rapidez e menor custo.

Isso também é verdadeiro na China, onde o comunismo² ainda governa, mas que no início do século XXI permitiu que o livre mercado operasse em muitos setores econômicos do país. Apesar de a China possuir 1/5 da população mundial, tem somente 10% das terras agriculturáveis, então, alimentar o povo poderia continuar a ser o problema crítico que já foi, trazendo de volta os dias em que a fome recorrente ceifou milhões de vidas chinesas. Hoje, os preços atraem para a China os alimentos vindos de outros países:

O suprimento alimentar da China provém do exterior — da América do Sul, dos EUA e da Austrália. Isso significa prosperidade para produtores e beneficiadores agrícolas como Archer Daniels Midland. Eles estão entrando na China de todas as maneiras que se pode esperar para um mercado interno de US\$100 bilhões para alimentos processados que cresce a taxas superiores a 10% ao ano. Trata-se da sorte grande para fazendeiros do Meio-Oeste americano, cuja produção de soja vem usufruindo de preços que têm se elevado em 2/3 em relação ao ano anterior. Isso representa uma dieta alimentar melhor para os chineses, que aumentaram seu consumo de calorias em 1/3 no último quarto de século.

Em decorrência do poder de atração dos preços, as vendas da empresa americana de frangos fritos KFC na China, no começo do século XXI, superavam as alcançadas nos EUA. O consumo *per capita* de produtos de consumo diário quase dobrou em apenas cinco anos. Um estudo demonstrou que 1/4 dos chineses adultos tem sobrepeso — não uma boa coisa em si, mas um dado encorajador em um país anteriormente afligido por fomes recorrentes.

² NRT: Mesma ressalva da NRT 1 sobre as diferenças entre socialismo e comunismo. No caso, a China é uma economia Socialista.

A TOMADA DE DECISÕES ECONÔMICAS

O fato de não haver, em uma economia de mercado, um indivíduo ou grupo de pessoas no controle ou coordenação de todas as inúmeras atividades econômicas não implica que as coisas aconteçam de maneira aleatória ou caótica. Cada consumidor, produtor, varejista, senhorio ou trabalhador realiza suas transações individuais em termos mutuamente acordados. Os preços são representativos desses termos, não somente para os indivíduos particularmente envolvidos, mas por todo o sistema econômico — e, com certeza, pelo mundo. Caso alguém mais, em qualquer outro lugar, tenha um produto melhor, ou um preço menor para o mesmo produto ou serviço, o fato é transmitido e repercute nos preços, sem que políticos eleitos ou uma comissão de planejamento determine o procedimento de consumidores ou produtores — na verdade, mais rapidamente que quaisquer planejadores poderiam reunir informações sobre as quais basear suas ordens.

Se alguém nas Ilhas Fiji descobrir como fabricar melhores sapatos a preços menores, não demorará muito até que você possa ver esses sapatos à venda no Brasil, na Índia, ou em qualquer lugar entre esses países. Após o término da II Guerra Mundial, os americanos podiam começar a comprar câmeras do Japão, sem que mesmo os oficiais militares americanos em Washington soubessem naquele momento que os japoneses já fabricavam câmeras. Uma vez que em qualquer economia moderna há milhões de produtos, é demais esperar que seus líderes saibam quais são todos esses bens, e muito menos tenham conhecimento dos recursos que precisam ser alocados para a produção de cada um deles.

Preços são um elemento vital na determinação de quanto e onde cada recurso é utilizado, e de como os produtos elaborados chegam às mãos de milhões de pessoas. Não obstante, essa relevância é raramente percebida pelo público em geral, e frequentemente negligenciada por completo pelos políticos. Em suas memórias, Margaret Thatcher conta que Mikhail Gorbachev “entendia muito pouco de Economia” embora fosse, na época, o líder da nação com a maior área territorial do mundo. Infelizmente, não era o único nessa condição. Podia-se dizer o mesmo de diversos outros líderes nacionais ao redor do globo, de países grandes ou pequenos, democráticos ou não.

Para os países nos quais as atividades econômicas são automaticamente reguladas pelos preços, a falta de conhecimento econômico não tem, nem de perto, a importância que representa para as nações cujas atividades econômicas são dirigidas e coordenadas por seus líderes políticos.

Muitas pessoas veem nos preços simplesmente um obstáculo para obter as coisas que desejam. Aquelas que gostariam de morar em uma casa de frente para o mar, por exemplo, podem abandonar seus planos assim que se deparam com o custo extremamente elevado de um imóvel com essa característica. Entretanto, não é pelos preços exorbitantes que nós todos não podemos possuir residências assim. Ao contrário, o ponto relevante é que não há casas desse tipo o bastante por aí, e os preços apenas refletem a realidade subjacente. Na medida em que várias pessoas disputam um número de casas relativamente pequeno, estas encarecem em virtude da oferta e da demanda. Mas a causa da escassez não está nos preços. Haveria a mesma escassez em sociedades feudais, socialistas ou tribais.

Se o governo, hoje, vier com um “plano” para “acesso universal” a casas de frente para o mar e estabelecer “tetos” para os preços que poderiam ser cobrados para cada uma delas, isso em nada mudaria a realidade inerente da proporção extremamente alta entre pessoas e imóveis defronte ao mar. Com uma dada população e um dado montante de propriedades desse tipo, estabelecer um racionamento sem o sistema de preços seria incorrer em autorizações burocráticas, favoritismo político ou pura sorte — mas o racionamento ainda seria necessário. Ainda que o governo decretasse que casas de frente para o mar fossem um “direito básico” de todos os membros da sociedade, isso não alteraria, em absoluto, a condição intrínseca de escassez.

Preços são como mensageiros levando as notícias — às vezes, más, no caso das residências à beira-mar desejadas por muito mais gente do que aquelas que podem morar ali, mas muitas vezes também boas. Por exemplo, computadores têm ficado melhores e mais baratos rapidamente graças aos avanços tecnológicos. E a vasta maioria dos beneficiários de tais aprimoramentos não têm a menor ideia do que representam, especificamente, tais aperfeiçoamentos tecnológicos. No entanto, os preços transmitem a eles os resultados finais — tudo que lhes importa para a tomada de decisão e sua própria melhoria de produtividade e bem-estar geral ao usar computadores.

Analogamente, se novas e imensas reservas de minério de ferro são subitamente descobertas, talvez não mais que 1% da população provavelmente se daria conta disso, mas todos notariam que as coisas feitas de aço ficariam mais baratas. Quem estivesse pensando em comprar escrivatinhas de aço, por exemplo, poderia perceber que tais mercadorias haviam se tornado uma pechincha quando comparadas com as confeccionadas em madeira e, por esse motivo, outros poderiam, sem sombra de dúvida, mudar de ideia quanto a sua preferência pelo tipo de material usado nesses objetos. Idêntico fenômeno poderia ocorrer com relação a outros produtos feitos com aço competindo

com produtos cujos insumos incluem alumínio, cobre, plástico, madeira e outros materiais. Em resumo, mudanças nos preços capacitam a sociedade como um todo — na verdade, consumidores ao redor do mundo — a se ajustar automaticamente em função de uma maior abundância de reservas confirmadas de minério de ferro, mesmo que 99% desses consumidores desconheçam inteiramente a nova descoberta.

Os preços não se restringem a um modo de transferir dinheiro. Seu papel primário é providenciar incentivos financeiros que afetam o comportamento no uso de recursos e produtos resultantes. Os preços não orientam somente os consumidores, mas os produtores também. Em termos absolutos, os produtores não têm como saber, possivelmente, o que milhões de diferentes consumidores desejam. Por exemplo, tudo o que fabricantes de automóveis sabem é que quando produzem carros com uma determinada combinação de características eles os vendem por um preço que cobre os custos de produção e deixam uma margem de lucro; todavia, quando utilizam na produção um mix diferente de características, as vendas não são tão boas. Para escoarem os veículos não comercializados, os revendedores devem cortar os preços a um nível que permita diminuir os estoques, mesmo que isso signifique assumir certa perda. A alternativa seria incorrer em um grande prejuízo não vendendo carro algum.

Embora seja às vezes chamado de um sistema de lucros, um sistema de livre mercado é de fato um sistema de lucros e perdas. Os prejuízos são igualmente importantes para a eficiência da economia porque revelam aos produtores o que *parar* de fazer — o que parar de produzir, onde deixar de aplicar os recursos e em que não mais investir. Prejuízos *obrigam* os produtores a interromper a produção daquilo que os consumidores não querem. Mesmo sem saber de início exatamente que conjunto de características os clientes querem ou não, os produtores automaticamente produzem mais do que gera lucro e menos do que os faz perder dinheiro. Ainda que os produtores estejam, a despeito do ponto de vista da economia como um todo, procurando obter resultados somente para si ou para suas empresas, a sociedade está utilizando recursos escassos de maneira mais eficiente porque as decisões são orientadas pelos preços.

Os preços já formavam uma ampla rede mundial de comunicação bem antes do surgimento da internet. Preços conectam você a qualquer um, em qualquer lugar do mundo onde se permite aos mercados operar livremente, então, locais com os menores preços para determinados bens podem vendê-los para o mundo todo. Assim, você pode vestir camisas confeccionadas na Malásia, sapatos produzidos na Itália e calças esporte feitas no Canadá, enquanto dirige um automóvel japonês equipado com pneus franceses.

Mercados orientados por preços possibilitam às pessoas sinalizar como e quanto estão dispostas a oferecer por algo, e quanto e como os outros se dispõem a suprir essa demanda. Os preços respondendo à oferta e procura ocasionam a transferência dos recursos naturais dos lugares em que são abundantes, como a Austrália, para lugares em que são quase inexistentes, como o Japão. Os japoneses estão dispostos a pagar os elevados preços exigidos pelos australianos por tais recursos. Esses preços altos cobrem os custos de frete e ainda proporcionam lucros substanciais comparativamente às vendas efetuadas no mercado interno australiano, no qual a abundância rebaixa os preços. Uma descoberta de grandes reservas de bauxita na Índia reduziria, nos EUA, o custo dos bastões de beisebol feitos de alumínio. Uma desastrosa quebra da safra de trigo na Argentina poderia aumentar a receita dos produtores agrícolas ucranianos, beneficiados pela maior demanda por seu trigo no mercado mundial e conseqüente maior preço.

Quando, para um certo produto, a oferta supera a demanda, a competição entre os vendedores na tentativa de se livrar do excedente força a queda dos preços, desencorajando a produção futura e liberando os recursos aplicados naquele produto para serem utilizados em outro cuja procura seja maior. Por outro lado, quando a demanda por um item específico supera a oferta disponível, os preços aumentados em decorrência da competição entre os consumidores estimulam uma produção maior, atraindo os recursos existentes em outros segmentos econômicos a fim de atender a demanda.

A relevância dos preços no livre mercado em termos de alocação dos recursos pode ser mais bem aquilatada observando as situações em que *não* se permite que os preços realizem essa função. Durante a era de centralização da gestão econômica na União Soviética, por exemplo, os preços não eram estabelecidos de acordo com a oferta e a demanda, mas pelos planejadores centrais, que comandavam o envio dos recursos para seus vários usos, precificados, para cima ou para baixo, conforme julgavam adequado. Dois economistas soviéticos, Nikolai Shmelev e Vladimir Popov, descreveram uma situação na qual seu governo elevou o preço a ser pago por moleskins (pele de toupeira), levando caçadores a buscar e vender mais delas:

As compras estatais aumentaram, e agora todos os centros de distribuição estão repletos dessas peles. A indústria não tem condições de as utilizar, e elas com frequência apodrecem nos armazéns antes que possam ser processadas. O Ministro da Indústria já solicitou por duas vezes ao Goskomtsen (o Comitê de Preços, órgão responsável pela definição dos preços) para reduzir os preços de compra, mas a “questão não foi decidi-

da” ainda. E isso não causa surpresa alguma. Seus membros estão muito ocupados para tomar decisões. Eles não dispõem de tempo: além de estabelecer os preços para essas peles, têm de manter o monitoramento de outros 24 *milhões* de preços.

Embora uma agência governamental possa estar sobrecarregada por administrar 24 milhões de preços, um país com mais de 100 milhões de habitantes pode com muito mais facilidade monitorar aqueles preços individualmente, pois nenhuma pessoa ou empresa precisa se ocupar com mais que alguns relativamente poucos preços relevantes para sua tomada de decisão. A coordenação generalizada dessas inumeráveis decisões isoladas é executada pelo efeito da oferta e da demanda sobre os preços, e o efeito destes no comportamento dos consumidores. O dinheiro fala — e as pessoas escutam. As reações delas são comumente mais rápidas do que os planejadores centrais podem obter com todos seus relatórios juntos.

Enquanto dizer às pessoas o que fazer possa parecer um modo mais racional ou ordenado de coordenar uma economia, comprovou-se na prática que isso é recorrentemente menos eficaz. O ocorrido com as peles era algo comum com relação a diversos outros bens no período em que a economia da União Soviética era centralmente planejada, em que um problema crônico eram as pilhas de bens não vendidos mofando nos armazéns, ao mesmo tempo que havia dolorosas carências de outras coisas que poderiam ter sido produzidas com os mesmos recursos. Em uma economia de mercado, os preços de bens em excesso caíam automaticamente em razão da oferta e demanda, enquanto os preços dos bens pouco ofertados se elevariam automaticamente pelo mesmo motivo — o resultado líquido seria uma realocação de recursos dos primeiros para os últimos também automaticamente, na medida em que os produtores procurariam lucrar e evitar prejuízos.

O problema não está em que planejadores em particular cometam erros em particular, na União Soviética ou em outras economias planejadas. Sejam quais forem os equívocos dos planejadores centrais, há equívocos em todos os sistemas econômicos — capitalista, socialista ou quaisquer outros. O problema mais fundamental com o planejamento central é que as tarefas que demandam têm se demonstrado demasiadas para seres humanos, em quaisquer países em que foram levadas a efeito. Como Shmelev e Popov colocaram:

Não importa o quanto desejamos organizar tudo racionalmente, sem desperdícios, não importa quão apaixonadamente queremos assentar cuidadosamente todos os tijolos da estrutura econômica, sem nenhuma rachadura na argamassa, isso está fora do nosso alcance.